
Introdução

Desde então e até hoje

“Perceber é sofrer”

— *Aristóteles*

Foi há muitos anos que eu saí de uma camionete com um grupo na floresta e corri em direção a um grande objeto brilhante pairando sobre o céu escuro do Arizona. Quando fiz aquela escolha fatídica de sair do veículo, eu estava deixando para trás mais do que meus seis colegas de trabalho. Estava deixando para sempre toda a aparência de uma vida normal, correndo precipitadamente em direção a uma experiência mental tão esmagadora e dilacerante em seus efeitos, tão devastadora em suas consequências, que minha vida jamais seria a mesma.

Nada na vida do garoto ingênuo do interior até aquele momento poderia ter me preparado para o que se sucedeu. Mas o que eu não sabia então, acho que sei agora. Foi um aprendizado de verdade. E com esse livro eu tento compartilhar esses conhecimentos. Quando escrevi meu primeiro livro, *The Walton Experience [A Experiência Walton, Berkley Books, 1978]*, a obra na qual o filme *Fire in the Sky [Fogo no Céu, 1993]*, da Paramount Pictures, se baseou, expus o meu desejo de que o livro pusesse o leitor onde nós estivemos quando tudo aconteceu. Minha esperança era de que as pessoas pudessem vivenciar o acontecido intensamente e de alguma forma experimentá-la como se elas estivessem lá em meu lugar. Talvez, assim, elas pudessem ter uma visão e uma abordagem mais aberta e objetiva ao avaliar isso tudo.

Contudo, nada chega perto do objetivo de proporcionar às pessoas a possibilidade de vivenciar a experiência de outra quase tão bem quanto em um filme. Eu acho que muita gente não esperava um documentário e, embora um pouco de licença dramática tenha sido usada, acredito que o filme foi bem-sucedido em levar a essência emocional do que nós vivenciamos. A resposta do público ao filme preencheu todas as expectativas razoáveis de seus realizadores. E satisfiz minha meta de proporcionar minha experiência em nível mais profundo, e então agora me sinto livre nesta atualização para enfatizar outras áreas. Eu forneço uma crônica de eventos acurada e sem dramas, e presto contas das liberdades que o filme usou e do que realmente aconteceu. Tento satisfazer a curiosidade que muitas pessoas têm em relação ao motivo pelo qual, depois de tanto tempo, eu finalmente consenti em que um filme fosse feito e como foi o processo de sua criação.

Uma das áreas mais negligenciadas no primeiro livro foi a controvérsia em relação ao evento todo, os ataques das pessoas que por várias razões se sentiram compelidas a tentar negar o que realmente tinha se passado. Muitos desses ataques eram tão ridículos e sem base que eu ingenuamente acreditei que uma refutação apressada seria suficiente. Achei que aqueles inclinados a duvidar poderiam ser facilmente levados a uma direção que os faria descobrir que as alegadas histórias de que eu e meus colegas tivemos alucinações por causa de drogas, criamos uma farsa ou ficamos psicóticos de repente etc, eram mentirosas.

Escrevi como se todas essas alegações pudessem ser refutadas facilmente quanto a acusação de que a reportagem era um acobertamento para um assassinato sangrento. Eu não poderia estar mais errado. Os ataques não só não terminaram como cresceram. Afirmações sem provas ressurgiam constantemente e, como em uma brincadeira de criança, tornaram-se mais ornamentadas a cada narrativa. Portanto, eu devoto meus maiores esforços aqui a uma análise crítica das inúmeras tentativas de explicar o que foi reconhecido como o mais espetacular e bem documentado incidente ufológico de todos os tempos.

Outra ênfase nesse livro é o contexto no qual esse incrível evento aconteceu. As pessoas precisam saber mais sobre o passado dos envolvidos e a comunidade na qual o fato aconteceu, de forma a entenderem seu impacto e consequência. E as consequências são uma história em si mesma, uma história tão dolorosa que as lembranças do que vivi e a reação de algumas

peessoas ao que aconteceu é um tormento que quase ofusca a experiência em si. Pense em uma cidadezinha calma do Oeste impregnada em seus valores tradicionais e conservadores. Jogue em seu meio um evento tão chocante, tão anormal, que por sua própria natureza desafia as crenças e atitudes convencionais, e é, ao mesmo tempo, difícil de negar e exige ser confrontado. Essa parceria foi a criação de algumas sérias perturbações.

O incidente que vivi me fez entrar em contato, direto ou indireto, com pessoas do mundo todo que eu nunca teria conhecido. Assim, aconteceu que muitas delas vieram de cidades grandes até Snowflake. Em muitas daquelas pessoas eu percebi a atitude de que era bom que esse evento tivesse ocorrido em tal lugar. Se algo pudesse fazer um bando de caipiras levantar e apreciar a vida, e fazê-los perceber que há mais coisas no céu e na Terra do que suas prezadas ilusões permitem ver, esse seria o tipo de evento. Era justamente isso o que esses interioranos de mentes fechadas precisavam para sacudir sua ortodoxia presunçosa e arrancar suas viseiras para que pudessem também começar a ver um pouco mais do mundo moderno além de seus pequenos milharais. Talvez. Mas eu acredito que a atitude dessas pessoas é metrocentrista, pois sua própria e querida ilusão é de que cidades pequenas são atrasadas e cidades grandes são habitadas por pessoas modernas, sofisticadas e de mente aberta, com uma visão mais precisa do mundo real.

Mas não é bem assim. Eu vi ambos os lados e posso dizer que as comunidades rurais não têm cantos na visão periférica. Reconhecidamente, essas comunidades das montanhas são de alguma forma mais homogêneas em suas considerações, mas há mais diversidade aqui do que se supõe. As pessoas parecem esquecer que nós estamos ligados na mesma mídia nacional em que eles estão. Nós não ficamos aqui sentados assistindo reprises de noticiários locais de 1950. É de conhecimento que as pessoas aqui podem estar muito seguras de suas verdades, mas não mais do que em outro lugar. Viver entre pessoas com uma grande variedade de opiniões não necessariamente transmite uma abertura para considerar essas opiniões. Tolerância não se traduz em abertura de mente. Uma diversidade de autoconfiança é ainda autoconfiança.

Quanto mais eu descubro a respeito do mundo, mais eu vejo como as pessoas são na verdade fundamentalmente parecidas em todos os lugares. Em sentido amplo, nós todos compartilhamos as mesmas forças e falhas básicas, embora em níveis variáveis. E é essa ordem de peculiaridades que

alguns realistas consideram como sendo a causa daquilo a que nos referimos como *condição humana*. Eu percebi que o maior problema em todo lugar no mundo é que as percepções de realidade são compulsivamente filtradas através da malha de triagem do que se quer e não quer que seja verdade — as pessoas veem o que esperam ver e preconceitos parecem predeterminar o julgamento de tudo. Essa falha humana desempenha um papel muito grande nas experiências. Eu falo novamente aqui que considero isso muito importante no esquema global das coisas. Se o leitor procurar, vai encontrar essa propensão humana na raiz de cada problema pessoal ou mal social que a humanidade já enfrentou. Essas comunidades do interior são mais como um microcosmo do mundo do que alguns poderiam imaginar.

Snowflake, Arizona. Para algumas pessoas de fora do estado, essas duas palavras soam como um oxímoro, uma contradição em termos. Muitas vezes tive que convencer gente com quem tive conversas de longa distância ao telefone de que eu não estava brincando. Elas sabiam apenas que nunca neva aqui no Estado do Deserto. Mas, além disso, quem realmente daria um nome de Snowflake [*Floco de Neve*] a uma cidade? Bem, na verdade, aqui neva bastante. Não tanto quanto em alguns lugares no Arizona, mas não é daí que vem o nome. As pessoas acham que estou realmente brincando quando digo que o nome vem das duas famílias de fundadores da cidade, os Snow e os Flake — os Snow foram embora, mas ainda há muitos Flake por aqui.

Mas Snowflake, desde sua fundação, em 1878, é uma cidade na qual as pessoas são forçadas a serem levadas a sério. Pioneiros mórmons e rudes vieram para essa área quando era virtualmente um lugar selvagem e fundaram várias cidades aqui nas montanhas ao redor. Eles caçavam, enfrentavam lobos, ursos e pumas, represavam riachos, cortavam madeiras, extraíam rochas e construíam casas para suas famílias. Eles cultivavam a terra e arrebanhavam ovelhas, gado e cavalos através de grandes extensões de terra nas áreas circundantes. E domesticaram seu pedaço do Oeste Americano ao custo de grande trabalho e perda de vidas.

Havia tiroteios como no velho oeste em Snowflake e nas cidades adjacentes, e uma variedade de conflitos no local. Gangues famosas de foras-da-lei se esconderam em Round Valley, onde John Wayne mais tarde teve um rancho. Eliza, a bisavó de Dana, minha esposa, ficava em sua casa de fazenda no oeste da cidade, enquanto os homens estavam fora quando Gerônimo

e seu bando vieram. Ela defendeu sua terra, mas os alimentou. Gerônimo seguiu seu caminho sem levar nada mais além de um rifle dela.

Smith D. Rogers e Eliza Snow Smith, os bisavós de Dana, estavam entre os primeiros colonos. Seu bisavô Wilford nasceu em uma cabana aqui em 1888. A neve soprava por entre as fendas da cabana quando ele veio para este mundo, como sétimo de 15 filhos, quatro dos quais morreram antes de se tornarem adultos. Ele levou uma vida sadia, cheia de trabalho duro nos campos, mas também havia tempo para música e teatro. Ele sobreviveu sendo fustigado pelos elementos, adoeceu de difteria, foi atropelado por um cavalo e por um ônibus. O avô faleceu com a idade de 98 e quase no fim de sua vida apto a trabalhar mais do que muitos jovens. Só os fortes sobreviviam aqui.

Snowflake sempre manteve uma influência desproporcional sobre cidades maiores da região. Uma alta porcentagem dos habitantes de Snowflake é descendente dos colonos originais. Houve tempos em que os Flake e os outros nomes da família dos fundadores de Snowflake ocuparam quase todas as funções de poder e status no país. Uma vez houve discussões sobre mudar a sede do condado para cá.

Por muito tempo o colégio Snowflake Union foi o único frequentado por quase uma dúzia de cidades adjacentes, algumas a cerca de 50 km de distância. Uma a uma as outras cidades construíram suas próprias escolas, mas os Lobos do colégio Snowflake continuaram a ganhar uma grande parte das competições esportivas, incluindo a divisão de campeões estaduais. A Escola de Ensino Médio Snowflake também teve grande sucesso com sua orquestra, coral, competições de fanfarras, concursos de soletrar e competições de debates. Toda vez que o time de decatlo acadêmico compete, a escola fica entre as três melhores.

Quando o incidente com o UFO aconteceu, em 1975, a população da cidade era de cerca de 2.500 pessoas, menos de um terço de seu tamanho atual. A rua principal ainda tem basicamente cerca de 12 quarteirões de distância e um quarteirão inteiro pertence à Igreja Mórmon. Alguns pequenos negócios e mais um banco foram adicionados e alguns estacionamentos foram abertos. O correio mudou-se da rua principal e a prefeitura veio para ela. Muitos prédios são uma história única e alguns terrenos na rua principal ainda estão sendo construídos. Quatro postos de gasolina, exceto um, foram substituídos por minimercados e várias franquias de restaurantes *fast food* vieram para a cidade.

Snowflake finalmente conseguiu seu primeiro painel de publicidade. Os anos viram um lento minguar das antigas linhas de poder. Influências externas continuam a chegar e tomar o controle, algumas para o bem, outras não.

A porcentagem de residentes não mórmons continua a crescer. Contudo, muitos dos modos tradicionais permanecem. Quando eu me mudei para cá, toda a força policial da área inteira eram dois homens da lei, um delegado do condado e um oficial de justiça. Agora há uma força policial de quase 20 e alguns residentes oficiais do xerife do condado. Mesmo em uma cidade onde os mínimos incidentes são relatados (ao contrário de cidades onde as pessoas estão tão exaustas que frequentemente nem se incomodam de fazer um boletim de ocorrência para crimes mais graves), Snowflake ainda tem uma taxa de crimes razoavelmente baixa. Como em muitos lugares nesse país, o abuso de drogas tem feito a taxa de criminalidade subir, mas uma onda de janelas quebradas ainda faz parte do noticiário local. Alguns garotos reclamam de que nada acontece aqui, mas seus pais dizem graças a Deus por isso.

O trem se foi agora. A Estrada de Ferro Santa Fé tirou seus trilhos da cidade tempos atrás. Viver em uma fazenda aqui já não é mais como antes. Agora a produção total de criação de porcos é mais do que o dobro da de gado e a maior fazenda do país fica em Snowflake. Ainda assim, os empregos relacionados a produtos da floresta dominaram a economia local por muito tempo. Agora as preocupações com o meio ambiente e acordos internacionais de comércio quase eliminaram o negócio das madeiras. A indústria de papel local parou de produzir papel das aparas de madeira e elas se tornaram 100% recicláveis. Além disso, um incêndio florestal queimou meio milhão de hectares e uma seca causou uma infestação de besouros que matou muitas árvores. Então, o modo de vida sofreu grandes mudanças aqui junto com a chamada “Última Fronteira Americana”.

A velha piada sobre sair das calçadas às 21h00 ainda se aplica, exceto nas noites de baile aos sábados. Os jornalistas e equipes de cinema frequentemente chamam isso de uma “cidade tipo última sessão”. O vestido estilo oeste, embora ainda popular, não domina mais a moda local. Mas o Festival Anual do Milho Doce, a Celebração do Dia dos Pioneiros e o Rodeio de Quatro de Julho ainda são os grandes eventos do ano. O Desfile dos Jogos de Retorno ao Lar [*The Homecoming Game Parade*] tem grande participação popular, já que o futebol colegial é levado a sério aqui. No ano do incidente com o UFO,

Snowflake derrotou a cidade vizinha de Round Valley durante a atuação da futura estrela Mark Gastineau jogando em seu último ano do colegial. Alguns atletas daqui deixaram a cidade para se tornarem profissionais.

Acho que foi Robert Service quem disse que grandes espaços parecem produzir grandes homens. O Arizona sempre foi um lugar de grandes espaços e provavelmente sempre será, uma vez que só uma pequena porcentagem do estado é da propriedade privada. O resto são reservas indígenas, terras federais e estaduais, e a Floresta Nacional Apache-Sitgreaves. O Arizona foi chamado de “Terra de Contrastes” e muitas das fronteiras desses contrastes parecem estar perto de Snowflake. A região chamada de White Mountains ou Mogollon Rim (pronuncia-se *moe gee on*) se estende do centro do Arizona, onde a Rim começa, e vai em direção ao leste para as White Mountains, perto da fronteira do Novo México. Ela segue do sul, perto dos limites do Deserto Petrificado, do Deserto Pintado e das reservas indígenas Navajo e Hopi, continuando pelo sul até as calmas elevações da úmida floresta alpina de Sunrise Ski, perto da linha madeireira na Reserva Apache.

Snowflake fica no meio, nas matas de cedro e pradarias no lado norte da maior floresta de pinha ponderosa do mundo. Em épocas passadas, o vale de Snowflake era um enorme lago drenado por uma grande fenda que se abriu da cidade até o pequeno Rio Colorado, quando um meteoro se chocou 100 km a nordeste, formando a cratera mais famosa de todos os tempos, onde as cenas do filme *Starman [1983]* foram gravadas. Alguns especulam que a fenda, assim como os grandes sumidouros bem ao nordeste da cidade, apareceram por causa do meteoro.

Não há muitos locais onde você pode esquiar de manhã e fazer ski aquático no calor de um lago deserto na tarde do mesmo dia. Turkey Springs, onde a incrível série de eventos começou, é tão alta na Mogollon Rim que é frequentemente inacessível a trabalhadores ou equipes de filmagem de três a quatro vezes ao ano. O cume de 2.300 m de altura da arborizada Mogollon Rim, 32 km a sudeste de Snowflake, forma uma longa barreira natural aos ventos dominantes. Ela protege a cidade e áreas próximas da violência das tempestades, o que torna o clima do alto deserto mais moderado e seco.

Estas paisagens e campinas de artemísias varridas pelo vento são chamadas de solitárias. Remotas, sim. Mas solidão é uma experiência subjetiva. Um homem trabalhando sozinho na floresta, a quilômetros de

qualquer outro humano, pode se sentir mais conectado com o mundo e muito menos solitário que um sentado em sua casa no meio de uma comunidade da qual ele se sente isolado. O que para um homem é um rico e extenso refúgio de paz e solidão reflexiva, para outro é uma prisão vazia, erma e monótona. Alguns homens vivem em ambas. Pobre daquele de qualquer perspectiva que é cego ao outro.

É inevitável que nos encontremos de um lado ou do outro das coisas. Ou você pensa em si mesmo ou naqueles do outro lado, o que é só uma questão de perspectiva. Os satisfeitos se veem presos ou livres. Os insatisfeitos se veem como detentos ou exilados. Cada um com sua própria perspectiva. Não é mesmo assim com tudo?

Outono de 1975. Nixon saiu, Ford entrou e Watergate não desapareceria. A histórica missão conjunta Apollo-Soyuz, de 1974, ainda estava em curso. Sakharov tinha ganhado o prêmio Nobel da Paz. Mas a grande ameaça de aniquilação nuclear instantânea por uma monolítica União Soviética era ainda uma sombra eterna sobre o mundo. Mais de um milhão morreram na tomada do Camboja pelo Khmer Vermelho. Cientistas da Universidade da Califórnia, em Irvine, anunciaram suas descobertas de que o clorofluorcarboneto estava exaurindo a camada protetora de ozônio da Terra. Squeaky Fromme, Patty Hearst e o Exército Simbionês de Liberação estavam nos noticiários. O congresso passou o Ato de Liberdade de Informação. O filme *Tubarão* [1975] quebrou todos os recordes de bilheteria e Jack Nicholson surgiu com um Oscar por *Um Estranho no Ninho* [1975] que também levou o Oscar de melhor filme.

Naquela época, Pete Rose ajudou os Cincinnati Reds a ganhar o World Series e o Pittsburgh Steelers ganhou o Super Bowl. Meu melhor amigo, Mike Rogers, e eu estávamos muito interessados em artes marciais e ainda discutíamos o mistério da recente morte de Bruce Lee e da aparente invencibilidade de Muhammad Ali. A canção *Have You Never Been Mellow*, de Olivia Newton-John, e *Thanks God I'm a Country Boy*, de John Denver, estavam no topo das paradas de sucesso. Elas eram legais, mas nós preferíamos o que pode parecer uma improvável mistura de música que incluía o *country* calmo de Don Williams, alguns clássicos, as primeiras canções de Cat Stevens e especialmente os Moody Blues.

Em Snowflake, as tendências sociais têm um modo de retardar o resto da nação. Mas mesmo aqui, por volta do fim de 1975, a moda dos cabelos

compridos para homens tinha perdido muito de sua afirmação contracultural dos anos 60, tendo se tornado bastante comum que muitas estrelas do *country western* estavam deixando seus cabelos crescerem.

Como resultado, muitos homens de nosso grupo de lenhadores, incluindo Mike e eu, tínhamos cabelos mais longos do que os pais mais tradicionais de nossa cidade poderiam considerar respeitável para viris homens americanos, embora eles mal passassem de nossos colarinhos. Só um de nosso grupo, Ken Peterson, manteve o corte de cabelo convencional. Nós éramos americanos, mas depois do incidente com o UFO, tudo que bastou foram pequenos sinais como esses para que muitos habitantes locais tivessem certeza de que éramos um exemplo vivo de que os modos dourados do passado estavam desaparecendo.

Pode parecer estranho falar de como o trabalho duro constrói o caráter, mas eu vi muito o processo em ação para não acreditar nele. É mais que o efeito balanceado na química cerebral de exercício vigoroso. Ocasionalmente, homens novos nesse trabalho vinham a nós da cidade ou de empregos menos exigentes. Então o resultado do esforço entre as demandas do emprego e caráter com o qual eles chegavam atuaria para nós. Viver na pobreza parece endurecer somente o exterior, a parte que se relaciona com outras pessoas, o visual cultivado de maldade.

Para um homem lá das montanhas, sua batalha, na verdade, não é com o Sol escaldante, com ventos congelantes, terreno íngreme, arbustos espinhosos ou equipamento perigoso. Sua batalha não é com estradas acidentadas, buracos de lama, picadas de insetos ou moitas retorcidas. A verdadeira luta é com seu eu interior. Chame isso de fibra, força de caráter, casca grossa etc, a dureza de verdade é interna.

A habilidade de continuar quando se está com calor, com sede, sem fôlego, quando suas mãos e músculos doem enquanto desbasta a árvore, insetos, espinhos e o pó de serragem caindo em sua camisa e grudando com o suor. A habilidade de dizer sim a mais disso e dizer não à sombra da árvore balançando é porque se sabe que deveria fazer isso e porque é isso o que deve ser feito. Nas circunstâncias certas, isso pode ajudar a dar a um homem o poder de dizer sim ou não a quase qualquer coisa e a agir consistentemente com o que diz. E confrontar diariamente as realidades inflexíveis de um mundo real, que tem dentes e morde-o de volta com conseqüências lógicas imediatas,

independentemente de argumento sofista ou de racionalização politicamente correta, pode ensinar algo mais agora que está em falta, senso comum.

Em meu caso, o cabelo passar do colarinho não era a única desculpa para a comunidade local me olhar de soslaio. Vou dizer algumas coisas sobre mim das quais não tenho particularmente orgulho, mas as mencionarei somente porque elas jogam uma luz no motivo pelo qual eu reagi ao UFO da maneira que fiz, e porque elas ajudam a explicar o grau da reação da comunidade ao que aconteceu.

Eu era um pouco rebelde quando era mais jovem. Eu fazia acrobacias arriscadas em minha motocicleta que me dão arrepios só de lembrar. Dirigi vários carros velozes e raros naquela época: um Pontiac Ventura 1960 que tinha um motor 389 com três carburadores de dois cilindros instalados de fábrica, uma perua Chevy Nomad 1960 em condições originais quase perfeitas, um Mustang Mach 1969 com um motor Cobra Jet 428 e um Corvette Stingray 1968 com o motor raro L-88 427 (mais de 500 cavalos de potência). Esses eram carros que eu podia ter mantido e cujo valor faria os colecionadores babarem. Eu era conhecido nas faixas de quarto de milha que as gerações anteriores tinham demarcado e nos trechos sem curvas da estrada fora da cidade.

Eu nunca tinha montado em um touro em minha vida, mas quando meu irmão mais velho foi para Oklahoma participar do campeonato de rodeio da escola de montaria de touros de Jim Shoulders, eu saltei na camionete com ele e lá fomos nós. Eu mesmo não tinha sonhos de ser uma estrela de rodeios, mas levei mordida de touros todos os dias durante uma semana, apenas pela experiência.

Quando os produtores do Barroom Brawlers vieram para Snowflake apresentar sua versão de um concurso de boxe amador, o chamado Homem Durão [*Tough Man*], Mike e eu fomos e nos inscrevemos. Saímos-nos muito bem e então fui e competi pelos próximos dois anos. Escolas de caratê vieram para a área da White Mountains e Mike e eu nos matriculamos a cada oportunidade que tínhamos, ficando em contato com uma variedade de instrutores, diferentes estilos de artes marciais e colegas de aula diferentes com quem praticar. Eu iria para o México ou pegaria carona para a Flórida sem pensar duas vezes.

Eu fazia trilha, pescava e caçava em algumas áreas remotas no interior do Arizona e escalei algumas paredes rochosas bem perigosas nos cânions da área. Uma noite, quando nosso grupo nos desafiou, um amigo e eu fomos por cima da cerca e escalamos até o topo uma antena de micro-ondas tão



The Ride

Bem-vindo à minha cidade, Snowflake. Ela continua quase tão pequena do que quando fui levado por um disco voador, em 1975. Alguns poucos milhares de habitantes e muito céu estrelado todas as noites.

alta que podia-se vê-la a quase 50 km de distância. Eu frequentei festas e agi de maneiras das quais vivi para me arrepender. Sim, houve brigas. Eu sempre venci? Alguém é vencedor nesse tipo de coisas?

Um bom tempo antes do incidente com o UFO, em outro contrato, Mike, eu e outra equipe estávamos a caminho de casa depois do trabalho. De repente, um urso negro correu pela estrada em frente à camionete. Mike teve de pisar nos freios para evitar atropelá-lo. O urso parou do outro lado e olhou para trás. Eu aproveitei que a camionete havia parado, saí e corri em direção ao urso, rosando como se fosse um animal cinzento enraivecido. O urso fugiu como se houvesse fogo em sua cauda. Eu voltei para o veículo como se nada tivesse acontecido, ignorando os olhares nos rostos dos rapazes. E disse em voz baixa e sem expressão: *“Ah, aquele deve ter ouvido falar a meu respeito”*.

Pode ter parecido impressionante naquele momento, mas realmente não foi nada. O urso já estava intimidado por quase ter se chocado com a camionete e pelo modo como virou. Eu poderia dizer que já estava prepa-

rado para correr. Caso ele não fugisse, eu estava cuidadosamente calculando as distâncias entre o urso e eu e a segurança de meu assento na camionete. Normalmente, se um predador não está encurralado, seu reflexo é fugir quando é caçado — ele só vai lhe caçar se você fugir dele.

Muito do acima mencionado aconteceu anos antes do incidente com o UFO. Eu surpreendentemente sobrevivi sem um único osso quebrado. Tive alguns problemas isolados com a lei, a maioria violações de trânsito, mas nada que tenha me deixado com ficha suja. Foi uma pequena parte de minha vida, uma breve fase pela qual passei, mas paguei o preço e realmente aprendi minha lição. E não recebi nada além de uma multa de trânsito. Na verdade, tem sido assim há vários anos desde a minha fase de instabilidade.

Eu realmente não gosto de ter que falar sobre eventos dos meus dias mais turbulentos. Mas percebi que sem dar essa perspectiva de saber coisas a meu respeito, as pessoas jamais entenderiam a resposta, o que foi para muitos uma das questões mais mistificadoras levantadas por minha história. Outros homens ficaram paralisados de medo ou freneticamente tentando encontrar um meio de rastejar para baixo de seus assentos. Por que eu fui o único a sair descaradamente da camionete e me aproximar de algo assustador e desconhecido? Eu continuo a me fazer essa pergunta, muitas e muitas vezes, há anos. Talvez agora esteja um pouco mais claro sobre que tipo de homem reagiria daquela maneira.

Contudo, as bravatas de juventude são só parte da explicação para esse mistério aparente. O constrangimento agudo que eu sinto em relembra aquele período de minha vida será também melhor entendido ao se saber algo mais sobre mim. Outro lado de minha personalidade era mais profunda, mais fiel à minha real natureza. Eu estava possuído por uma sede de conhecimento aparentemente insaciável, especialmente por um tipo que outros consideravam além dos limites — não eram coisas ruins, apenas escondidas, coisas que alguns consideravam melhor deixar de lado ou verdades que muitos negam somente por preconceito ou medo. Minha curiosidade aguçada era mais poderosa que meu próprio medo e seu auge em minha vida foi na noite de 05 de novembro de 1975.

Muitos dos que desaprovaram minhas ações tiveram provavelmente espasmos de reação às mudanças que o tempo trouxe ao seu mundo, e precisavam de um responsável, como se eu fosse um agente dessas mudanças.

Eles não sabiam nada a meu respeito. Cidades pequenas são sempre descritas como lugares onde todos se conhecem. Na verdade, uma cidade pequena é um lugar onde as pessoas só acham que conhecem todo mundo. Elas sabem o nome de todos, mas não quem eles realmente são. Ouvi muitos boatos sobre pessoas por aqui e, quando os pesquisei, se mostraram ser ridiculamente falsos. Quanto mais cavamos é mais provável que a verdade apareça. Aprendi a esperar antes de tirar conclusões precipitadas sobre notícias locais. Conhecer os fatos é tão raro que me surpreende o número de pessoas que estão dispostas a tirar conclusões prematuramente e que, no fim, acabam sendo falsas.

Contudo, ver seu próprio passado através de uma névoa rosada é da natureza humana para muitas pessoas, enquanto as lembranças dos erros dos outros é permanente. Eu ensino meus filhos sobre a fragilidade da reputação de alguém. Pessoas mais velhas podem se esquecer sobre seus anos passados, mas poucos têm dificuldade de se lembrar de quais garotas eram conhecidas como “fáceis” e o nome e as ações do valentão da escola. Quando eu estava no colegial, participei de um protesto contra o código de vestimenta da escola. Agora eu tenho um filho lá com os mesmos professores e é engraçado notar as inquietações que eu senti quando o conselho escolar votou recentemente o relaxamento dos padrões para algumas daquelas antigas controvérsias.

Havia um lado intelectual em mim que foi muito subestimado. Eu acho que causei um pouco de desconfiança em alguns daqueles que raramente me viam levar um livro para casa, me viam cabular aula e então, na sexta-feira, aparecia na escola em minha moto, entrava e gabaritava a prova. Parecia uma refutação de sua ética, especialmente para certos professores — que tenho certeza que sentiam que estavam vendo uma falácia viva. Contudo, houve vezes em que eu simplesmente deixei as coisas rolaem. Eu realmente larguei o colegial faltando um ano para terminar. Mas voltei, afivelei o cinto, me formei, e obtive subsídios para frequentar todas as três universidades nas quais me candidatei. Escolhi a Universidade do Norte do Arizona. Continuei a trocar de matérias, indo da engenharia eletrônica para o direito, para a psicologia, a medicina e estudos livres, não porque eu não tinha interesse suficiente por uma delas, mas porque eu estava muito interessado em tudo.

Na verdade, eu não tinha razão em esperar ser visto como era realmente. Certifiquei-me que ninguém soubesse como eu era antes de minha família se mudar de Payson, Arizona, onde eu era conhecido como virtuoso,

sensível, um nerd instruído. Eu era chamado de Einstein, cientista louco e tinha o apelido de “professor”. Então eu fui para lá determinado a deixar aquela classificação para trás. Mas fui bem-sucedido em me encaixar em outro grupo, o dos rebeldes, igualmente mal visto. Em particular, contudo, eu continuava minhas buscas intelectuais em uma variedade de assuntos, tais como filosofia, religião, arte, línguas, música, ciência e literatura (incluindo os trabalhos de Ayn Rand, começando com *Atlas Shrugged*, mas especialmente seus trabalhos de não ficção).

Eu me lembro de que no Natal, aos meus 12 anos, ganhei uma cópia de *Intelligent Man's Guide to Science [Guia da Ciência do Homem Inteligente, Basic Books, 1965]*, de Isaac Asimov, o primeiro livro novo em folha que eu já tinha possuído. Ainda está em minha biblioteca pessoal, agora aumentada em milhares de volumes. Embora muito daquela edição ainda seja relevante, é interessante ler o quão bem dotada a ciência se tornou, o que ainda não tinha sido descoberto. É divertido ler o quanto a humanidade estava almejando firmemente chegar à Lua. Eu nunca li nenhuma ficção de Isaac Asimov, mas acumulei muitas de suas centenas de trabalhos.

Seria difícil caracterizar os assuntos em particular que me intrigavam, porque eu não me encaixo nos limites normais. Não há nada que não devesse ser examinado. Muitas pessoas evitam ler os trabalhos daqueles com quem discordam, mas eu os acho mais estimulantes.

Eu tenho sangue Cherokee de meus ancestrais diretos por parte da minha mãe, e por isso mergulhei na língua e história desta etnia. A posição dos Cherokees como uma das assim chamadas Cinco Tribos Civilizadas não evitou que o presidente Andrew Jackson ordenasse que uma delas saísse de suas terras na Costa Leste, em 1830, e fizesse uma marcha forçada a meio continente de distância em direção às reservas em Oklahoma. Houve muito sofrimento e mortes entre os índios reunidos pelos soldados naquilo que se tornou conhecido como a Trilha das Lágrimas. Meu bisavô foi um chefe que escapou dessa procissão, se estabeleceu no Tennessee e mais tarde se juntou novamente a seu povo em Oklahoma.

Eu me tornei um técnico de emergência médica certificado pelo estado do Arizona. Trabalhei perto do Aeroporto Show Low para pagar minha escola de pilotagem e lições de voo. Trabalhei em inúmeras invenções e desenvolvi aplicativos para automóveis. Quando algumas parceiras que eu conhecia me

falaram que elas estavam fazendo o curso de preparação e licenciatura da faculdade e estudando para o exame de licenciatura para parteiras, tomei emprestados seus livros alguns dias antes das provas e os li. Já que as regras permitiam que pessoas que não tinham feito faculdade podiam fazer o teste, eu fiz o exame junto com dúzias de parteiras de todo o Arizona, algumas das quais estavam registradas como enfermeiras que já tinham sido parteiras há anos sob a supervisão de médicos. Consegui a segunda maior nota do grupo inteiro, ficando atrás apenas de uma moça que tinha cursado faculdade.

Eu parecia vir de dois mundos diferentes. Uma pessoa de um grupo não sabia exatamente como me definir e, provavelmente, acreditava que eu pertencia a outro grupo. Além disso, havia certa tensão entre eu e um ou dois rapazes da equipe por causa da minha atitude em relação ao fumo e à bebida. Eles pareciam não saber a diferença entre recusar-se a beber com eles e simplesmente não querer beber.

Eu acho que os habitantes de Snowflake me viam como um forasteiro. Minha mudança para a cidade e o fato de não frequentar a igreja contribuíram enormemente para que tivessem essa impressão. Eu nunca disse a ninguém, mas minhas raízes mórmons eram tão profundas quanto às de qualquer um. Eles não sabiam disso, mas, voltando ao passado, eu estava ligado a alguns deles. Meu tataravô, Joseph Walton, estava entre as famílias pioneiras a se estabelecerem no Vale do Utah com Brigham Young. Ele ajudou a construir e viveu em Fort Wordsworth, em Alpine, Utah. Ele serviu com o capitão Carlisle e o sargento John Langston como soldado no Fifth Tenn, uma companhia de milícia mórmon, e mais tarde como oficial de polícia.

Ele viu muitos conflitos nas incursões contra os índios, incluindo a Guerra Walker e a Guerra Black Hawk, e enfrentou as mesmas dificuldades que os outros pioneiros ao subjugar o Vale do Utah. Seu filho John James Walton, meu bisavô, trabalhou na casa de Brigham Young para pagar seus estudos e se tornar um dos poucos a se formar na primeira turma da Academia Brigham Young, mais tarde conhecida como universidade Brigham Young. Meu irmão serviu como missionário na Argentina. Meu tio, o irmão gêmeo de meu pai, foi o presidente da missão em Holtbrook.

Passei por grandes mudanças. Agora eu trouxe essas coisas à tona, algumas das quais eu gostaria de negar. Estou na posição de aconselhar meus filhos a fazer o que faço, não o que fiz. O ocorrido com o UFO foi

um ponto de virada forte para mim. Embora tenha havido outros motivos também, um acúmulo de pequenas lições, maturidade geral e a percepção de que tal passado, enevoado ou não, pode ser o tipo de coisa a afastar a garota de seus sonhos para longe de você. Confesso que não foi fácil para as pessoas entenderem as complexidades e aparentes contradições de minha personalidade. Como a pessoa tímida que eles conheciam podia ser o mesmo cara impressionante que eles viram em outra época? Agora que eu não tenho mais um lado negligente, é um pouco mais fácil para eles me entenderem ou acharem que me entendem.

Eu ainda adoro e aprecio a vida ao ar livre, embora eu não cace há anos. Eu matava cascavéis sempre que cruzava com elas, assim como qualquer pessoa. Agora, simplesmente as deixo seguirem seu caminho e sigo o meu. Ainda tento ficar em forma e viver saudável. Não fico zangado facilmente ou tento resolver as coisas usando confrontação física. Primeiro, eu esgotaria toda solução racional e lógica possível porque a verdade é que eu descobri que sempre há uma. A coisa a ser lembrada é que se você está vivendo da maneira mais correta que conhece, se alguém tem um problema com você, as chances são de que o problema seja com ela mesma, o que neutraliza reações emocionais de defesa. Isto é, você não tem de levar as coisas para o lado pessoal.

Mas não pensem que eu perdi minha centelha. Eu apenas redirecionei aquelas energias em canais mais produtivos. Preferiria ser um pensador e um amante do que um lutador, se os outros me deixarem. Eu não gostaria que essa reordenação pessoal desse a impressão de que peguei a doença do *antiengo* que está se espalhando por nossa sociedade. A vaidade é um vício de caráter, mas o ego é a origem da psique. É um fato da vida inevitável. A pessoa que critica por ter orgulho em se sobressair está, na verdade, sugerindo esse absurdo sem lógica: *“Você está dizendo que é bom com relação a alguém mais, provavelmente eu, e isso é ruim”*. Contudo, eu não estou tendo orgulho de minhas boas qualidades, e isso é bom, mas por eu ser alguém sem ego e ter lhe mostrado o erro de seus modos.

Lenhadores são muito competitivos e nossa equipe não era exceção, especialmente Mike e eu. Nós éramos sempre competitivos no serviço e também quanto ao trabalho em si. Quem conseguia cortar mais árvores, quem conseguia aguentar por mais tempo sem gastar a lâmina da serra em uma rocha etc. As especificações do contrato de trabalho se baseavam em três tamanhos de árvores para corte, porque os diâmetros perto do

solo não se correlacionam bem com o tamanho real. Nós apostávamos sem dinheiro para ver quem adivinharia o diâmetro que a escala iria ler, em diferentes distâncias e sem tocar na árvore.

Também éramos muito competitivos com relação às ideias. Debatíamos sobre todos os tipos de coisas, não apenas filosofia. Eventos recentes, coisas que estavam acontecendo em nossas vidas e nas vidas daqueles ao nosso redor, mesmo assuntos relacionados ao trabalho. Logicamente, o jogo era dar nossa própria opinião, e as regras dele surgiam naturalmente no decorrer da batalha. O caminho do trabalho para casa e vice-versa era longo, mas ocupávamos o tempo falando sobre coisas interessantes.

Os rapazes do grupo que não se interessavam por tudo aquilo achavam as conversas confusas. Eles diziam: *“Vocês poderiam parar de discutir, pelo amor de Deus? Quem diabos dá a mínima de porque os humanos gostam de ouvir música? Que baboseira é essa de artefatos embriológicos e harmônicos matemáticos? Já não basta saber que canções você gosta? Por que vocês têm que meter o nariz em tudo? O que é que há com vocês? Tudo que vocês sabem fazer é discutir”*. Mas havia aqueles que mesmo surpresos gostavam daquilo e entravam na conversa e davam sua opinião.

Nós nos desafiávamos para ver quem adivinharia onde uma árvore iria cair sem bater em outras. Jogos de tempo de reação, pequenos desafios sem falar, tais como ver quem seria o primeiro a dizer *“vamos parar”* ou *“vamos encerrar por hoje”*. Ver quem seria o primeiro a ligar sua motosserra ou o primeiro a correr de volta para a camionete. Quem poderia estimar a distância entre duas árvores ou quantos homens e horas seriam necessários para completar o trabalho em uma área em hectares.

Conforme uma árvore do tipo pinha ponderosa cresce, seus galhos inferiores morrem e novos surgem no topo. Normalmente eles ficam cada vez mais secos, até que o vento ou a neve os quebrem. Nós disputávamos, como em um treino de caratê, para ver quem quebrava com um chute o galho mais alto sobre nossas cabeças sem cair sobre seu traseiro. Como sou alto, eu sempre ganhava. Nós pegávamos umas lixas redondas, com as quais afiávamos nossas serras, e víamos quem podia jogá-las e fincá-las bem no centro de um tronco. Mike normalmente ganhava essa. Nós competíamos para ver quem era o mais rápido a fazer sua motosserra chegar ao meio de um tronco. Mike também sempre ganhava essa.

Quando Mike estava crescendo, ele ajudava seu pai nas florestas. Lyle sempre fazia o desbaste para o Serviço Florestal dos Estados Unidos desde que saía da estrada de ferro e ainda fazia isso quando estava com 70 anos. O avô de Mike, George Howard, plantava árvores na floresta em Nebraska antes de se tornar um guarda florestal em Colorado. Depois que o avô George deixou o Serviço Florestal, ele ficou ligado ao trabalho com madeira pelo resto de sua vida. A mãe de Mike, Joyce, nasceu prematura de dois meses quando seus pais estavam presos na neve em um posto da guarda florestal perto de Yampa, Colorado, durante a pior tempestade do ano. Ela passou sua infância morando em vários campos de madeiras. Além de ser filho de um lenhador, toda aquela competitividade no trabalho provavelmente ajudou Mike quando ele entrou nos grandes concursos de lenhadores, nos quais se deu muito bem.

Mike vinha participando de licitações para contratos de desbastamento do Serviço Florestal dos Estados Unidos desde que tinha 19 anos. No outono de 1975, eu havia lhe ajudado a terminar seu contrato na Montanha Candy, perto da área de Blue Wilderness — aquele foi um trabalho e tanto, pois ficamos a 3.300 m de altura. Houve vezes em que olhávamos para baixo e víamos as nuvens. É um campo lindo e verde cheio de amoras e muita vida selvagem. Mas aquela altitude faz você respirar com dificuldade enquanto trabalha. Só de carregar sua motosserra de volta à camionete faz você arquejar. Não me admira que essa seja a altitude na qual é recomendável que os pilotos pressurizem suas cabines ou usem oxigênio extra.

A maioria da equipe na Montanha Candy saiu por um ou outro motivo, e então, para o trabalho seguinte em Turkey Springs, Mike contratou mais homens — na época do incidente havia um total de sete trabalhando naquele serviço, incluindo Mike. Eu e ele nos tornamos amigos no colegial, quando eu estudava com o irmão mais novo dele, e nas férias de verão nós nos juntávamos a Mike para trabalhar.

Eu conhecia Ken Peterson há muitos anos. Mike e ele se conheciam desde pequenos e cresceram juntos. Todos sempre acharam Ken um cara muito decente. Ex-atleta no colegial, ele era quieto, o tipo de cara introspectivo, sempre educado e certinho. Muito tradicional em sua vestimenta, modos e comportamento, mas também um grande pensador e um pouco inquieto quanto à religião. Ele era um pesquisador e vivia por suas crenças, mas não era agressivo com relação a elas. Falava sobre homens que fumavam ou

xingavam no trabalho, mas era mais em defesa de seu direito, de seu espaço pessoal do que sobre converter ou impor suas crenças aos outros. Ele era um trabalhador estável e se dava bem com todos, embora tivesse a tendência de falar mais com Mike e comigo do que com os outros.

Além de mim, Allen Dalis estava lá há mais tempo. Ele ficava enquanto muitos outros trabalhadores vinham e partiam durante o verão. Ele também era mais experiente, porque tinha trabalhado com Mike antes. Houve alguns momentos tensos entre Allen e outros da equipe, incluindo uma briga com Mike mais ou menos um mês antes. Ele levara uma vida dura crescendo em Phoenix, mas, quando queria, também podia ser um verdadeiro cavalheiro. Meus desentendimentos com ele foram esquecidos há muito tempo. Na verdade, apesar de seu lado negro, ele era simpático na maioria das vezes. Além disso, era um serrador muito bom.

John Goulette era o amigo mais próximo de Allen no grupo. Ele tinha trabalhado para Mike antes, em várias ocasiões, quando Allen também estava junto. John e Allen haviam completado o serviço na Marinha e eram amigos, mas John não era como Allen. Embora ele soubesse como se divertir, era bem mais tranquilo e se dava bem com o resto da equipe, mas conversava mais com Allen.

John Goulette tinha morado em Phoenix e voltara para lá na semana anterior. Ele trouxe de volta consigo um cara desengonçado de mais de 2 m de altura chamado Smith, que precisava de emprego. Ele era novo nesse ramo e estava lá somente há três dias, e então eu não o conhecia muito bem. Por ser novo no grupo, ele não era muito extrovertido e ficava com Allen e John. A família de Steve Pierce não era da área, mas possuía terra a leste de Snowflake. Steve estava conosco há algumas semanas. Ele era o mais jovem no grupo, mas era forte e grande para sua idade. Parecia que ele ia se sair bem. Então, lá estávamos nós: um grupo misto de personalidades com várias amizades e antagonismos, todos indo em direção ao trabalho nas montanhas do norte do Arizona e à experiência de uma vida inteira.